

"De Pessoa a Sophia: um Diálogo Intertextual de Reunificação do Ser"

(in *100 Orpheu*, Edições Esgotadas, 2016, p.449-460, ISBN 978-989-8801-37-1).

Helena Malheiro (Universidade Aberta, Clepul)

Os poemas que Sophia dedica a Pessoa constroem-se sobre a sombra e a presença ausente daquele que foi “viúvo de si próprio”.

No magistral poema “Cíclades” assistimos assim a uma incomparável evocação de Pessoa, onde, através do paralelismo com o herói homérico, Sophia leva ao paroxismo “as múltiplas navegações” da sua ausência prolixa e arrasadora, mitificando de forma inequívoca e singular aquele que viajou dentro de si à exaustão sem ter encontrado nenhum porto onde apaziguar a “saudades de pedra” de uma unidade irremediavelmente perdida.

O diálogo intertextual de Sophia com Pessoa tece-se através de uma poderosíssima mas contraditória presença, toda ela simultaneamente repleta da devastadora ausência intrínseca ao próprio autor do “drama em gente”¹. Os poemas que Sophia dedica a Pessoa erguem-se sobre a presença ausente daquele que ousou “não ser ninguém”:

Teu canto justo que desdenha as sombras
Limpo de vida viúvo de pessoa
Teu corajoso ousar não ser ninguém
Tua navegação com bússola e sem astros
No mar indefinido
Teu exacto conhecimento impossessivo

Criaram teu poema arquitectura
E és semelhante a um deus de quatro rostos
E és semelhante a um deus de muitos nomes
Cariátide de ausência isento de destinos
Invocando a presença já perdida

E dizendo sobre a fuga dos caminhos
Que foste como as ervas não colhidas

(ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner.,1999: 129)

¹ Esta conferência retoma a investigação da nossa tese de Doutoramento, publicada com o título *O Enigma de Sophia: da Sombra à Claridade*.

Este poema do *Livro Sexto*, justamente intitulado “Fernando Pessoa”, constrói-se inteiramente sobre a existência perdida daquele que foi “viúvo de pessoa” e se fragmentou à exaustão. Com efeito, esta “cariátide de ausência” não sustenta a identidade daquele que foi, e permanecerá, no entanto, “um deus de quatro rostos”, “um deus de muitos nomes”, em cujo “canto justo” a poetisa se revê. Aquele que navega “sem astros / No mar indefinido” é bem diferente de Sophia e da sua luminosa *navegação essencial*. Porque, se o poeta é como ela, um “emissário de um deus desconhecido” a quem as palavras *acontecem*, um sacerdote do Absoluto que entregou a sua vida à incansável demanda de um “exacto conhecimento impossessivo”, ele não deixa de ser aquele que abdica da vida e que assume a dispersão como prova irrevogável da falência de uma unidade perdida que a poetisa não cessará nunca de procurar. Será para a Grécia, para o espaço privilegiado da reunificação elemental com o tempo genesíaco, que Sophia irá trazer Pessoa, como se lhe quisesse mostrar o caminho da unidade, como se ali, naquele lugar primordial e “antigo”, a essência do mundo o pudesse “reunir” a si próprio.

No belíssimo poema “Em Hydra, evocando Fernando Pessoa”(Dual), a poetisa murmura o seu “ambíguo nome”, o seu nome de máscara - Odysseus/Ulisses/Persona - que com o herói homérico se confunde. Com efeito, já em *Mensagem*, o próprio Pessoa descrevia Ulisses como se a si próprio se descrevesse:

O mito é o nada que é tudo.
[.....]
Este que por aqui aportou
Foi por não ser existindo.
Sem existir nos bastou

(PESSOA, Fernando., 1972:25)

Por outro lado, é interessante notar que, se *Personna* significa máscara no teatro romano, a palavra *Odysseus* em grego significa ninguém. Neste poema de Sophia, a figura de Pessoa “emerge de repente” para a acompanhar na sua mítica viagem de demanda da unidade perdida:

Quando na manhã de Junho o navio ancorou em Hydra
.....

Murmurei o teu nome
O teu ambíguo nome

Invoquei a tua sombra transparente e solene
.....
Segundo a lei de máscara do teu nome

Odysseus – Persona
Pois de ilha em ilha todo te percorreste
.....
A tua ausência emerge de repente a meu lado
.....
E vem comigo pelas ruas onde procuro alguém
.....
Há nas coisas de Hydra uma claridade que é tua
Há nas coisas de Hydra uma concisão visual que é tua
.....
O teu destino deveria ter passado neste porto
Onde tudo se torna impessoal e livre
Onde tudo é divino como convém ao real

(ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner.,1996: 144-146)

Neste poema, a dupla figura representada por Pessoa/Ulisses, eleva-se à categoria de um deus, espelhando toda a admiração que a poetisa por ele nutre, para projectar sobre o seu destino uma nova claridade, uma nova nitidez, que assim o reúna dentro de si, naquele lugar mítico onde “tudo é divino como convém ao real”. Assistimos assim a uma evocação de Pessoa/Odysseus/Persona, cujo ambíguo nome de máscara duplica ainda mais o poeta múltiplo e o confunde com o mítico viajante Ulisses. Esta errância andreseana que funde Pessoa ao supremo viajante grego para percorrer os inúmeros *eus* em que a sua vazia presença se divide, continua no poema “Cíclades”(O Nome das Coisas) de forma exaustiva e arrebatadora:

A claridade frontal do lugar impõe-me a tua presença
O teu nome emerge como se aqui
O negativo que foste de ti se revelasse

Viveste no avesso
Viajante incessante do inverso
Isento de ti próprio
Viúvo de ti próprio
.....
Esquartejado pelas fúrias do não-vivido

À margem de ti dos outros e da vida
 Mantiveste em dia os teus cadernos todos
 Com meticolosa exactidão desenhaste os mapas
 Das múltiplas navegações da tua ausência –

 E tinhas muitos rostos
 Para que não sendo ninguém disseses tudo
 Viajavas no avesso no inverso do adverso

 Porém obstinada eu invoco –ó dividido –
 O instante que te unisse
 E celebro a tua chegada às ilhas onde jamais vieste

 Invoco-te como se chegasses neste barco
 E poisasses os teus pés nas ilhas

 Chamo por ti – reúno os destroços as ruínas os pedaços –
 Porque o mundo estalou como pedreira
 E no chão rolam capitéis e braços
 Colunas divididas estilhaços
 E da ânfora resta o espalhamento de cacos
 Perante os quais os deuses se tornam estrageiros

 Pudesse o instante da festa romper o teu luto
 Ó viúvo de ti mesmo
 E que ser e estar coincidissem
 No um da boda

 Como se o teu navio te esperasse em Thasos
 Como se Penélope
 Nos seus quartos altos
 Entre seus cabelos te fiasse

(id: 177-178)

A expressão “viúvo de pessoa” do primeiro poema analisado ecoa agora em “viúvo de ti próprio”, neste poema em que “a claridade frontal do lugar” evoca Caeiro.

Através da nitidez do olhar do “Guardador de Rebanhos”, Sophia procura apreender a harmonia e a unidade das coisas, mas é sobretudo a presença arrasadora de Campos que se espraia pela obra da poetisa, nomeadamente nos poemas citados, onde as repetidas alusões à *navegação*, ao navio e à viagem, nos conduzem à excessiva e fragmentada errância do ser que é a sua genial *Ode Marítima*. É interessante notar a irrepreensível intertextualidade que funde de forma inequívoca o “espalhamento de cacos” do malogrado “Apontamento” de Campos com os estilhaços das colunas e da

ânfora andreseanos, entrelaçando os dois poetas numa mesma procura da unidade perdida.

É este “viajante incessante do inverso”, “esquartejado pelas fúrias do não vivido”, que se revela na paisagem harmoniosa da Grécia como o negativo de si próprio, invocado de forma obstinada pela poetisa, para assim poder chegar à claridade e à inteireza do mundo primordial, onde a demiurga o quer *reunir* e celebrar.

No final do poema, Sophia expressa assim um desejo irrefutável e simultaneamente irrealizável: o da chegada de Pessoa às ilhas, que tal como a chegada de Ulisses a Ítaca e a Penélope, reunisse “o dividido” dentro de si, para abraçar aquele instante em que finalmente se unisse ao mundo numa total coincidência entre o ser e o estar. Existe portanto uma assimilação de Sophia e da sua poesia unificante e luminosa a Pessoa, ou de Pessoa a Sophia, naquele que Eduardo Lourenço considera “o mais profundo retrato de Pessoa que alguma vez foi tentado” e “um dos mais altos poemas da língua portuguesa”:

nas últimas obras de Sophia, a *presença* de Pessoa surge com uma insistência enigmática, como se Sophia sentisse a necessidade de integrar a sua *sombra* imersa ou a plenitude inversa que ela instalou na consciência poética contemporânea.[...] Jamais se revisitou por dentro, a aventura sem fim de Pessoa, poesia e vida confundidas, como nesse admirável poema “Cíclades”.

(LOURENÇO, Eduardo., 1985: IV-VI)

No magistral poema “Cíclades” assistimos assim a uma incomparável evocação de Pessoa, onde, através do paralelismo com o herói homérico, Sophia leva ao paroxismo “as múltiplas navegações” da sua ausência prolixa e arrasadora, mitificando de forma inequívoca e singular aquele que viajou dentro de si à exaustão sem ter encontrado nenhum porto onde apaziguar a “saudade de pedra” de uma unidade irremediavelmente perdida.

Com efeito, e ao contrário de Pessoa, se a poesia de Sophia parte por vezes de uma negativa ausência, repleta de sombra, vinda ainda da “rouquidão do Caos”, ela encaminha-se sempre, no entanto, para o esplendor do Cosmos e a harmonia de uma unidade perdida e reencontrada, que advêm do encontro com o Sagrado e a plenitude do Ser.

Até mesmo na “Homenagem a Ricardo Reis”, em *Dual*, apesar da poetisa se identificar com o tom clássico, pagão e fatalista, desse heterónimo pessoano, que considera “irmão do que escrevi”, como facilmente se comprova pela explícita evidência do jogo intertextual, não deixa de, no entanto, sublinhar a passividade e a negatividade daquele que “inflexível assiste” à sua “própria ausência” :

Alheio o passo em tão perdida estrada
Vive, sem seres ele, o teu destino.
Inflexível assiste
À tua própria ausência.

(ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner.,1996: 123-124)

Este diálogo intertextual onde inequivocamente se projecta a sombra pessoana, longe de desvalorizar o texto andreseano contribui ainda mais para enriquecer as obras destes dois poetas que assim indubitavelmente e reciprocamente se iluminam.

Fernando Pessoa e Sophia de Mello Breyner Andresen têm ambos a mesma concepção da literatura como Poema Universal, esse “ditado” transcendente que torna o poeta um Mensageiro do Absoluto. É precisamente a existência imanente e sagrada da poesia que só se dá a conhecer a alguns eleitos que Sophia celebra no poema “Liberdade”(O Nome das Coisas):

Sílaba por sílaba
O poema emerge
- Como se os deuses o dessem
O fazemos

(*id*: 205)

Neste poema está bem patente o carácter absoluto que a poetisa atribui à poesia. A poesia é uma dádiva dos deuses e restabelece a aliança perdida entre o ser e o universo. Através dela, o poeta procura “a ordem intacta do mundo / A palavra não ouvida”².

Esta concepção “de que fazer versos é estar atento e de que o poeta é um escutador”, culmina em “Arte Poética IV”(*Dual*) e em “Arte Poética V”(*Ilhas*). Com efeito,

² Sophia de Mello Breyner Andresen, “Antinoo”, *Geografia*, OP III, p.67.

nestes dois textos fundamentais, Sophia enuncia a forma inexplicável como a poesia “acontece”, como “o poema aparece feito, emerge, dado” como “um ditado” que o poeta escuta e nota. Resta-lhe apenas “encontrar” o poema “suspense”, “imane”te”. O poema *acontece* assim de forma mágica e encantatória e a poetisa limita-se a ouvi-lo com atenção e a transcrevê-lo, tal como Fernando Pessoa, para quem os poemas igualmente e repentinamente *aconteciam*:

Fernando Pessoa dizia: «Aconteceu-me um poema.» A minha maneira de escrever fundamental é muito próxima deste «acontecer». O poema aparece feito, emerge, dado[...]. Como um ditado que escuto e noto. [...] Encontrei a poesia antes de saber que havia literatura. Pensava que os poemas não eram escritos por ninguém, que existiam em si mesmos, por si mesmos, que eram como um elemento do natural, que estavam suspensos, imanentes. E que bastaria estar muito quieta, calada e atenta para os ouvir.

Desse encontro inicial ficou em mim a noção de que fazer versos é estar atento e de que o poeta é um escutador.[...]

O meu esforço é para conseguir ouvir o «poema todo» e não apenas um fragmento.[...] É preciso que eu deixe o poema dizer-se. [...]

(*id*: 166-169)

Eu era de facto tão nova que nem sabia que os poemas eram escritos por pessoas, mas julgava que eram consubstanciais ao universo, que eram a respiração das coisas, o nome deste mundo dito por ele próprio.

Pensava também que, se conseguisse ficar completamente imóvel e muda em certos lugares mágicos do jardim, eu conseguiria ouvir um desses poemas que o próprio ar continha em si.

No fundo, toda a minha vida tentei escrever esse poema imane”te. [...]

(*id*: 349-350)

De facto, encontramos esta mesma “despersonalização” em Pessoa, a mesma afirmação do poeta como mediador e emissário do Absoluto, o qual, em alguns sonetos de “Passos da Cruz”, declara:

II
Há um poeta em mim que Deus me disse
.....

XI
Não sou eu quem descrevo. Eu sou a tela
E a oculta mão colora alguém em mim.
.....

XIII

Emissário de um rei desconhecido
Eu cumpro informes instruções de além
E as bruscas frases que aos meus lábios vêm
Soam-me a um outro e anômalo sentido...

(PESSOA, Fernando., 1973: 37)

O poeta é aquele que transmite o inefável, as “informes instruções de além”, é aquele que tem por missão encontrar as palavras que restabelecem a aliança “de antes de tempo e espaço e vida e ser” - o tempo “antigo”, como diria Sophia – a aliança entre “a oculta mão” e o presente visível pessoanos. Também para Sophia, o poeta desvenda o Sagrado através da palavra:

Pois é preciso saber que a palavra é sagrada
.....
De longe muito longe desde o início
O homem soube de si pela palavra
E nomeou a pedra a flor a água
E tudo emergiu porque ele disse

(ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner.,1996: 199)

O poema é pois a própria “respiração das coisas, o nome deste mundo dito por ele próprio” e só a poesia permite a visão total e unificadora da oculta essência do Ser, o “aparecer total exposto inteiro”, a “veemência do visível” que a poetisa nunca cessará de procurar obstinadamente:

Ali vimos a veemência do visível
O aparecer total exposto inteiro
E aquilo que nem sequer ousáramos sonhar
Era o verdadeiro

(*id*: 255)

A Verdade aparece a Sophia com a veemência de uma aparição e a inteireza de uma unidade perdida no caos do tempo, com a obstinação com que rumo ao primeiro dia criado através da solenidade de uma “viagem antiquíssima”:

Estava o anel da noite solenemente posto no meu dedo
E a navegação do silêncio continuou sua viagem
[antiquíssima

(*id*: 47)

Descobrimos nesta viagem ecos do “grito antiquíssimo” que nasce igualmente do silêncio em Campos:

E logo que sinto que há um mar nocturno dentro de mim,
Sobe dos longes dele, nasce do seu silêncio,
Outra vez, outra vez, o vasto grito antiquíssimo.

(PESSOA, Fernando., 1993: 164-165)

Descobrimos também a mesma solenidade eufórica com que este fundamental heterónimo pessoano se extasia perante “O Cais absoluto!”, “O Grande Cais Anterior, eterno e divino!”, o “Grande Cais, como os outros cais, mas o Único”, na sua grandiosa *Ode Marítima*, cais primordial que lhe devolveria a unidade de um Eu fragmentado à exaustão. Com efeito, tal como para Pessoa, a viagem representa para Sophia, não só a liberdade e a euforia da descoberta dos intermináveis meandros do subconsciente, mas sobretudo um caminho iniciática e a procura de um tempo incólume e genesíaco que os dois poetas querem recuperar para chegar à tão almejada unidade e escapar assim à fragmentação de um presente dividido.

É esta a missão do poeta: desocultar a essência escondida do mundo, a unidade que se esconde por trás de um real dividido e de um eu exilado e fragmentado. Num poema de ecos muito pessoanos, a autora concentra numa estrofe exemplar o destino mítico dos descobridores do mundo:

Distância da distância derivada
Aparição do mundo : a terra escorre
Pelos olhos que a vêem revelada.
E atrás um outro longe imenso morre.

(ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner., 2001: 107)

Esta “distância” que faz *aparecer* o mundo traz ecos daquela que Pessoa convoca em “Prece”: “E outra vez conquistemos a Distância - / Do mar ou outra, mas que seja nossa!”³

Por outro lado, a imagem da aparição do mundo em que “a terra escorre / Pelos olhos que a vêem revelada” convoca indubitavelmente os dois poemas que Pessoa dedica ao Infante em *Mensagem*:

Tem aos pés o mar novo e as mortas eras
O único imperador que tem, deveras,
O globo mundo em sua mão.

(PESSOA, Fernando., 1972: 49)

E a orla branca foi de ilha em continente,
Clareou, correndo, até ao fim do mundo
E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.

(*id*: 57)

Neste último poema, a imagem da terra como aparição é novamente sugerida em todo o seu esférico esplendor por Pessoa. Tanto em Pessoa como em Sophia, notamos a mesma plasticidade inebriante das imagens que chega de forma surpreendente e avassaladora à encantada descoberta do mundo.

Esta é a viagem mítica que não depende do tempo e que faz emergir o inolvidável futuro do passado.

Através de uma imagética transbordante e de um sensacionismo exacerbado, Pessoa e Sophia revelam ao mundo o segredo de um real escondido pelos séculos através do poder encantatório da palavra.

Num poema de *Dia do Mar* intitulado “Os Poetas”, que inexplicavelmente não figura na sua *Obra Poética* posterior, eis como a autora muito sugestivamente descreve estes mediadores visionários do Absoluto:

³ Fernando Pessoa, *Mensagem*, Lisboa, Edições Ática, 1972, p.73.

Solitários pilares dos céus pesados,
Poetas nus em sangue, ó destroçados
Anunciadores do mundo
Que a presença das coisas devastou.

“Viúvo de si próprio”, destroçado pelo não vivido, fragmentado pelos múltiplos rostos que inventou para si mesmo à exaustão, Fernando Pessoa renasce em Sophia que obstinadamente percorre um longo, sombrio e órfico caminho para chegar à essência, à transparência irradiante e cristalina do “nome das coisas”. Eis a poesia como viagem iniciática de restituição ontológica à unidade e à verdade do Ser:

.....
Trago o terror e trago a claridade
E através de todas as presenças
Caminho para a única unidade.

(ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner., 2001: 46)

Assistimos assim a um paradoxo genial em que a existência de Pessoa se torna ausência na obra de Sophia e que a poetisa tenta obstinadamente corrigir, ao reclamar para o poeta do “múltiplo poema” e do “canto inumerável”⁴, uma presença tão forte que com ela se unisse, na divina ascensão dos “quartos altos” onde Penélope os tecesse, fundindo-os numa poesia da essência que ultrapassa a divisão de um real exilado.

⁴ Sophia de Mello Breyner Andresen, “Fernando Pessoa”, *Musa*, Lisboa, Caminho, p.45.

BIBLIOGRAFIA FINAL

Bibliografia Activa:

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner Andresen. 2001, *Obra Poética I*, Lisboa, Caminho, (1990).

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner Andresen. 1999, *Obra Poética II*, Lisboa, Caminho, (1991).

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner Andresen. 1996, *Obra Poética III*, Lisboa, Caminho, (1991).

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner Andresen. 1994, *Musa*, Lisboa, Caminho.

PESSOA, Fernando. 1993, *Poesias de Álvaro de Campos*, Lisboa, Edições Ática.

PESSOA, Fernando. 1972, *Mensagem*, Lisboa, Edições Ática, (1934).

PESSOA, Fernando. 1973, *Poesias*, Lisboa, Edições Ática.

Bibliografia Passiva:

LOURENÇO, Eduardo. 1985, «Para um retrato de Sophia», Prefácio a *Antologia*, Lisboa, Moraes Editores.

MALHEIRO, Helena. 2008, *O Enigma de Sophia: Da Sombra à Claridade*, Lisboa, Oficina do Livro.